

COISAS DA POLÍTICA

■ ROSÂNGELA BITTAR (interina)

Direção ousada no condomínio

O presidente Fernando Henrique deu um passo largo, na quarta-feira, em encontro com os principais políticos do PMDB, para formar o que se vem definindo como o grande condomínio destinado a levá-lo a concluir este período de governo, reelger-se em 98 e conduzir o país até seu sucessor ou, como preferiria, ao parlamentarismo, em 2002. O partido da vez será o PPB, já convidado a ouvir a mesma conversa, no Palácio da Alvorada, nesta semana próxima.

A cúpula das diferentes correntes do PMDB compareceu ao encontro da semana passada sem ter idéia do que exatamente seria dito. Foram convidados o ex-presidente e senador José Sarney, os líderes Jader Barbalho e Geddel Vieira Lima, o presidente da Câmara, Michel Temer, e os ministros Luís Carlos Santos, Eliseu Padilha, Íris Resende e Fernando Catão. No caso do PPB, os entendimentos para formação do condomínio estão considerando outro tipo de representação. Como Fernando Henrique já esteve com Paulo Maluf e realiza encontros periódicos com Esperidião Amin, o debate agora incluirá toda a bancada, inclusive opositores do presidente, como o deputado Delfim Netto, já convidados.

Para os planos de Fernando Henrique, é preciso que esses dois partidos definam claramente sua participação nesse condomínio. Isso significa, em primeiro lugar, tanto para o PMDB como para o PPB, evitar qualquer movimento que tenha o objetivo de antecipar o lançamento de um candidato próprio para 98, mesmo tendo o partido nomes em condições eleitorais de disputa. Em segundo lugar, definir claramente seu espaço no projeto do presidente.

O que há de diferente nessa investida é a mudança no comportamento do presidente, agora muito mais ousado e objetivo, segundo os registros feitos pelos políticos do PMDB que estiveram no Palácio da Alvorada na noite da última quarta-feira. Tão ousado que todos sentiram os constrangedores segundos de silêncio entre a incisiva proposta inicial do presidente e a primeira reação dos ouvintes.

Ali, diante do ex-presidente e senador José Sarney, que seria o candidato do PMDB em caso de carreira solo, Fernando Henrique disse: "Precisei do PMDB para governar, preciso do PMDB para terminar o mandato, preciso na campanha eleitoral e preciso se ganhar a eleição." A seguir,

comentou a importância de — com a nova situação do país, que experimentará uma campanha de reeleição pela primeira vez — o presidente ser um candidato com apoio dos partidos fortes.

O presidente foi ainda mais direto na conclusão: "Preciso saber se o PMDB vai me apoiar ou se vai ter candidato próprio." Surpreendidos com a incomum franqueza, os políticos não reagiram imediatamente. A primeira resposta foi exatamente do senador Sarney, que, segundo relato de alguns dos presentes, expôs ao presidente a angústia do partido. Essencialmente, disse que a sensação, nas bases do PMDB, era de desamparo com relação ao governo federal. "Todos se queixam de uma orfandade absoluta", disse.

Essa é a mesma reclamação do PSDB e do PFL, retrucou o presidente, deixando claro que o importante, agora, é que todos se sentem para conversar e colocar suas posições. O senador Jader Barbalho disse ao presidente que, de um modo geral, os políticos ali reunidos não viam muita dificuldade em assegurar-lhe apoio, mas essa era uma decisão do partido. Foi quando se falou por longo tempo a respeito da figura do presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade, elogiado por todos, inclusive por Fernando Henrique, embora reconhecida a importância de seu papel nas dificuldades de relacionamento do partido com o governo.

A votação do Fundo de Estabilização Fiscal, segundo exemplo citado pelo ministro Luís Carlos Santos no encontro, foi reflexo evidente das dificuldades da base do partido com o presidente. Temer e Geddel, mesmo retardatários, conseguiram fazer um discurso unificado.

Essas questões já vinham sendo discutidas, há mais ou menos um mês, por vários outros grupos do partido. Com os novos movimentos do presidente Fernando Henrique, e tendo em mãos pesquisas que situam o partido em primeiro lugar na preferência do eleitorado, o PMDB entrou em fase de inquietação aguda. Prepara-se para organizar encontros em que pretende debater a resposta a ser dada ao convite do presidente. E desde logo duas preocupações serão incluídas na agenda.

Uma, que já é evidente para as lideranças e empurra o PMDB para o apoio a Fernando Henrique, é evitar o fiasco das campanhas que deixaram Ulysses Guimarães e Orestes Quércia na lanterna da disputa. Isso fez tanto mal aos brios do partido que só a hipótese de repetir tal desempenho fortalece a tendência a embarcar neste governo de olhos fechados.

A outra que, ao contrário, inclina o PMDB para a candidatura própria, é saber exatamente qual o seu espaço na atual recomposição de forças discutida pelo presidente. O PMDB já teria se convencido, segundo um dos tradutores das últimas avaliações, de que não adianta cobiçar a posição de vice-presidente na chapa. Tanto por causa de Marco Maciel como pela importância do PFL na aliança, nenhum partido desalojará os liberais de sua confortável posição no governo. Se aceitar o convite, como tudo indica que fará, o PMDB terá que dizer o que quer, tarefa difícil para um partido sem unidade ou comando.

Com os novos movimentos do presidente Fernando Henrique, o PMDB entrou em fase de inquietação aguda